https://doi.org/10.22481/reed.v7i14.19373
ARTIGO

# ENTRE SOMBRAS E FANTASIAS: AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS INFANTOJUVENIS

BETWEEN SHADOWS AND FANTASIES: GENDER REPRESENTATIONS IN CHILDREN'S AND YOUNG ADULT BOOKS

ENTRE SOMBRAS Y FANTASÍAS: LAS REPRESENTACIONES DE GÉNERO EN LOS LIBROS INFANTILES Y JUVENILES

Flávio Santos Costa[1] https://orcid.org/0009-0008-5499-9389
Erica Bastos da Silva[2] https://orcid.org/0000-0002-5281-284X
Fernando Henrique Tisque dos Santos[3] https://orcid.org/0000-0003-1789-5747

[1] Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. flavio.costta6263@gmail.com
[2] Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, Bahia, Brasil. ericabastos@ufrb.edu.br
[3] Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, Bahia, Brasil. fernandotisque@ufrb.edu.br

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de apresentar uma análise sobre representações de gênero em três livros infantojuvenis, a saber: *O menino que brincava de ser*, *A história de Júlia e sua sombra de menino e Julián é uma sereia*. Pôde-se perceber que as obras apresentam, de forma respeitosa, os conflitos, silenciamentos e sentimentos que crianças passam por não se encaixarem em estereótipos de gênero. Observa-se que tal temática tem a possibilidade de ser discutida na escola e na família, trazendo reflexões que podem questionar estigmas sobre ser menina ou menino e ressignificar percepções sobre os diversos modos de ser. Espera-se que este trabalho contribua para a ampliação deste debate dentro e fora do espaço escolar.

**Palavras-chave:** Representações; Estereótipos De Gênero; Literatura Infantojuvenil; Temas Fraturantes.

**ABSTRACT:** This article analysis of gender representations in three children's and youg adult books, namely: *O menino que brincava de ser*, *A história de Júlia e sua sombra de menino e Julián é uma sereia*. The books respectfully portray the conflicts, silences processes, and feelings by children who do not conform to gender stereotypes. It is noted that this theme has meanigfully adressed in both schools and families context, forstering reflections that challenge stigmas associate wiht being a girl or a boy and reframe perceptions of diverse ways of being. It is hoped that this work will contribute to broadening this debate both within and beyond the school environment.

**Keywords:** Representations; Gender Stereotypes; Children's Literature; Fracturing Themes.

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es presentar un análisis sobre las representaciones de género en tres libros infantiles y juveniles, a saber: *O menino que brincava de ser*, *A história*

*de Júlia e sua sombra de menino* y *Julián é uma sereia*. Se pudo observar que las obras presentan, de manera respetuosa, los conflictos, los silencios y los sentimientos que experimentan los niños y niñas al no ajustarse en los estereotipos de género. Se observa que esta temática puede debatirse en la escuela y en la familia, propiciando reflexiones que cuestionen los estigmas asociados a ser niña o niño y resignifiquen las percepciones sobre los diversos modos de ser. Se espera que este trabajo contribuya a la ampliación de este debate dentro y fuera del espacio escolar.

**Palabras clave:** Representaciones; Estereotipos De Género; Literatura Infantil Y Juvenil; Temas Controvertidos.

# Introdução

Na contemporaneidade, a literatura infantojuvenil vem debatendo temas inclusivos e condizentes com realidades diversas. Discussões outrora silenciadas do universo literário infantil emergem em publicações contemporâneas, a exemplo das abordagens sobre gênero, evidenciando tabus e estabelecendo-o como tema fraturante. Temas fraturantes ou difíceis são aqueles que "servem essencialmente o propósito do questionamento e da reflexão sobre assuntos dos quais o adulto, usualmente, e em nome de intuitos de proteção, tende a afastar a criança" (Barros; Azevedo, 2019, p. 79). Assuntos como racismo, homossexualidade, migração, morte e gênero, entre outros, podem ser discutidos desde a infância, uma vez que figuram como problemáticas que permeiam o cotidiano social das crianças e dos jovens. Tais temas são importantes para a promoção de diversas aprendizagens, desde as suas relações com os conteúdos curriculares até o desenvolvimento da criatividade e sensibilidade, além de articularem-se à defesa e garantia de direitos civis e cidadania. Ademais, o fabular das crianças deve considerar a realidade e o protagonismo infantil, para que a representação de sujeitos, suas singularidades e espaços de ocupação sejam contados e recontados a diferentes públicos leitores, por meio de variadas formas e em diferentes espaços, em especial a escola.

A defesa pela presença de temas fraturantes na escola ancora-se em resposta a ações sistemáticas de grupos políticos ultraconservadores que ocupam os espaços de poder e questionam demandas relacionadas aos direitos civis requeridos por movimentos sociais, que têm como pauta o combate à exclusão, ao preconceito e à desigualdade no Brasil. O currículo e a comunidade escolar têm sido constantemente tensionados por agentes políticos que imprimem uma visão reducionista e de censura sobre o papel dos livros infantis na formação

dos cidadãos. Lançam questionamentos sobre temas, enredos, personagens minimizando o papel humanizador da literatura[1].

A escola, aqui compreendida como espaço de construção de saberes fundamentais para a vida cidadã, tem fomentado em seus projetos o desafio da constituição de um público leitor atento às diversidades, e a literatura tem desempenhado papel significativo na formação crítica, sensível e humana de crianças e jovens, especialmente no que diz respeito às discussões sobre gênero e sexualidade.

A produção acadêmica tem ampliado esse debate na educação, seja a partir de estudos sobre os processos de feminização do magistério ou fomentando, a partir das práticas educativas, o combate à discriminação e a violência contra as mulheres. Em suas pesquisas, Silva, Costa e Ribeiro (2022) identificaram, em levantamento bibliográfico de 2000 a 2018, uma linha crescente de estudos sobre o tema e suas articulações com debates sobre sexualidade e identidade nas práticas educativas nas escolas brasileiras. Dada a relevância social e política do tema, adotamos, neste texto, uma concepção de gênero que nos oferece suporte para problematizar suas representações na literatura infantojuvenil.

Guacira Lopes Louro (1997) considera que a noção de gênero é social e historicamente construída e leva em conta como as características sexuais dos sujeitos são representadas em cada tempo histórico, definindo, portanto, o que seria masculino e feminino. A partir deste processo de representação é que os papéis sociais são atribuídos a homens e mulheres e instituem desigualdades entre eles.

> Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (Louro, 1997, p. 8).

A atribuição de características ao que é masculino e feminino é um processo cultural dos grupos sociais capaz de reforçar representações pelas quais os "regimes de verdade" (Foucault, 2009) as instituem em seus discursos e práticas de "poder-saber", tornando-se hegemônicas e naturalizando normas e diferenças em relação aos papéis sociais. Entre estas

[1] Em 2024, os governos estaduais de Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná solicitaram que suas Secretarias de Educação retirassem das escolas a obra de Jefferson Tenório, *O Avesso da Pele*, que recebeu o Prêmio Jabuti em 2021, sob o argumento de que continha expressões inadequadas. Após diversas críticas que acusavam a censura a autores e editoras, os governos reverteram sua decisão (Jorge, 2024).

representações, destaca-se a ideia de uma suposta "doçura" feminina associada à maternidade e tomada como indicativa de uma pretensa aptidão natural das mulheres para a atuação profissional na docência de crianças. Instituída pelo campo educacional em sua relação com as necessidades do Estado, esse discurso contribui para a instituição dos estereótipos de gênero que normatizaram o que é entendido e autorizado como aquilo que é masculino ou feminino no campo social.

É neste contexto que este estudo se propõe a analisar, nos livros infantojuvenis, as representações de gênero e as articulações com os discursos de personagens que mobilizam tais estereótipos. Para isso, as reflexões desenvolvidas consideram também o contexto de produção das obras, destacando as subjetividades das autoras e autores, elementos que contribuem para compreender os sentidos atribuídos aos textos e seus possíveis objetivos em promover diferentes modos de ser e de existir dos sujeitos no mundo.

Ao estabelecer os estereótipos de gênero, a sociedade contribui para processos de estigmatização dos sujeitos que reforçam e justificam a desigualdade fundamentada pelo gênero. Para Goffman (2004, p. 6), o estigma sobre uma pessoa ocorre quando "deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída". Esse processo resulta da ideia de que existem funções sociais esperadas para as quais o indivíduo deve se adequar em determinada ideologia e espera-se dele a reprodução de um comportamento socialmente aceito. Uma vez que esse indivíduo não atende à expectativa social,

> [...] fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças [...] (Goffman, 2004, p. 8).

É em torno das representações de gênero e os estigmas sociais daí decorrentes que lançamos olhar ao tratamento dado ao tema na literatura infantojuvenil. Portanto, quais representações sobre gênero estão presentes na literatura infantojuvenil e como podem contribuir nos objetivos da escola de formar sujeitos atentos ao respeito à diversidade?

Ao lançar olhar sobre as representações de gênero nas obras, nos aproximamos do conceito elaborado por Roger Chartier (1991), no qual o autor concebe as representações como esquemas de classificação da realidade construídos pelos indivíduos que produzem sentido à organização social e funcionam como "as matrizes das práticas construtoras do próprio mundo social" (Chartier, 1991, p. 183). É mister compreender as representações a partir da análise do discurso com as posições sociais dos sujeitos que os enunciam, uma vez que eles variam conforme o grupo ao qual participam (Chartier, 1990).

Desse modo, não tomamos a literatura como espelho da realidade, mas como espaço pelo qual é possível problematizar as representações construídas por seus autores e autoras, em que estes leem o mundo e tal leitura estabelece relação dialética com outras representações que circulam na sociedade. Portanto, buscamos analisar quais representações de gênero estão presentes nas obras e qual o sentido da narrativa literária na construção do mundo social.

Definimos como *corpus* documental para a análise três obras: *O menino que brincava de ser*, escrito por Georgina da Costa Martins e ilustrado por Pinky Wainer (2000); *Julián é uma sereia*, da autora e ilustradora Jessica Love (2021); e *A história de Júlia e sua sombra de menino*, escrito por Christian Bruel e ilustrado por Anne Bozellec (2020).

Realizamos algumas atividades como metodologia de execução das análises como a leitura e fichamento dos textos principais da bibliografia e o mapeamento e análise de livros literários, considerando alguns critérios de qualidade, como, por exemplo, a literalidade da obra, a estrutura da narrativa e, especialmente, como a obra apresenta discussões sobre gênero. As análises tiveram o intuito de ampliar as discussões sobre aquisição de acervos que representem a diversidade, com vistas a minimizar preconceitos nas escolas, na família e na sociedade e foram feitas "ancorando-se em todo o material coletado e articulando todo esse material aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação teórica" (Gomes, 2016, p. 63).

Analisar obras com temáticas que em algum momento da história foram (e ainda são) consideradas tabus é evidenciar que a arte pode representar diversos modos de ser menino e menina, com o intuito de que suas histórias sejam contadas e respeitadas. Integrar pessoas leitoras ao que acontece no mundo por meio da literatura pode contribuir para o rompimento de paradigmas já estruturados, garantindo às crianças o direito de conhecerem os diversos modos de ser.

## Infância, escola e literatura com temáticas fraturantes

A literatura que hoje chamamos de infantil, surge intimamente ligada aos contos de fadas do século XVII, que ganharam forma literária pelo trabalho de Charles Perrault. Foi Perrault quem inseriu lições morais e pedagógicas nas histórias. Um tema marcante de suas narrativas foi a desobediência. Posteriormente, os irmãos Grimm, no século XVIII, e Hans Christian Andersen, no século XIX, deram continuidade a essa tradição da narrativa para crianças, mas suas obras não ficaram restritas apenas ao público infantil. Esta produção literária liga-se com as transformações históricas na concepção de infância no período.

Ariès (1981) nos diz que a concepção de infância que temos na atualidade é relativamente recente. Diferente da Idade Média – em que se via a criança como um pequeno adulto sendo inserida nas relações econômicas, políticas e sexuais –, na Idade Moderna, a criança passou a ser entendida como um sujeito vulnerável e que precisava de cuidados especiais para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Até o século XIX, a literatura voltada para o público infantil tinha um caráter pedagógico e moral muito forte, a fim de que as regras determinadas pelos mais velhos e os contratos sociais fossem respeitados e obedecidos pelas crianças. Na contemporaneidade, conforme é dito por Silveira e Kaercher (2013, p. 1192), "a literatura para crianças, tradicionalmente conectada a objetivos pedagógicos e formativos, tem se aberto nos últimos anos a temáticas anteriormente a ela vedadas, o que se conecta também a mudanças sociais mais amplas". As autoras ainda ressaltam que essas mudanças decorrem de lutas históricas de grupos socialmente marginalizados e que reivindicam a participação nos mais diversos espaços, entre eles, o literário. Assim, conforme Ramos (2009, p. 293):

> Em estreita ligação com a evolução da sociedade, nas últimas décadas, os textos literários escritos a pensar nos mais pequenos reflectem, como às vezes não acontece no universo literário canónico, as alterações verificadas na forma de pensar e de estar das pessoas, na relação que estabelecem com os outros e com a diferença que os caracteriza, dando voz (e às vezes também forma e cor) a preocupações candentes, tanto do ponto de vista social, como cultural e até político.

Ao estabelecer conexões entre a infância e as histórias infantojuvenis, os escritores e escritoras desempenham um papel importante na vida de quem os lê, com suas criações e enredos que podem mudar as percepções sociais sobre determinada temática.

No entanto, no espaço escolar e familiar são os adultos quem decidem o que pode ser lido e essa decisão não é neutra; tais escolhas são atravessadas por valores sociais, culturais, políticos, religiosos, interferindo na seleção de livros que serão lidos pelas crianças.

As questões de gênero, da orientação sexual, das relações étnico-raciais, entre outras, vêm ganhando um grande espaço na literatura infantojuvenil; atrelada a essa inserção, ampliam-se os debates sobre o que é adequado para ser trabalhado nos livros destinados a crianças. Destacamos a delicadeza no tratamento deste tema, trazendo uma polêmica ocorrida na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 2019, em que o então prefeito da capital fluminense, Marcelo Crivella, protagonizou a tentativa de retirada da obra *Vingadores: a cruzada das crianças* (Editora Panini), por ter uma ilustração com um beijo entre dois homens, considerada por ele

inadequada para o público infantil[2]. Em 2018, em plena campanha eleitoral para a presidência do Brasil, o livro lançado no país pela Companhia das Letras intitulado *Aparelho Sexual e Cia* foi envolvido em polêmica por alguns políticos que defendiam uma pauta conservadora, sendo pejorativamente chamado por eles de "*kit gay*"[3]. Este é mais um exemplo de como a orientação sexual é tratada pela perspectiva moralista e considerada um perigo para a juventude (Veiga, 2021).

Assim, os espaços escolares têm diante de si um enorme desafio em trabalhar livros com temáticas fraturantes, de modo a possibilitar aos alunos reflexões sobre a historicidade que permeia as relações humanas e de sua existência no mundo.

O modo como essas questões são tratadas no espaço familiar e escolar pode influenciar as crianças em suas percepções sobre a sua própria identidade e a de outrem. Todavia, discutir a temática das representações de gênero em livros infantis é complexo pois, por vezes, os pais e profissionais docentes não se sentem seguros ao abordar um tema que causa desconforto, por envolver crenças, concepções já formuladas sobre o ser homem e mulher e um próprio conflito social em torno da questão.

No entanto, problematizar essas questões nas salas de aula pode abrir portas para a diversidade e o reconhecimento e respeito às diferenças. Inovar a didática escolar também requer reformulações nas práticas e formações continuadas do corpo docente. Percebemos que a literatura, com seus enredos, ilustrações e personagens diversos, pode ajudar a compreender pessoas e sentimentos diferentes dos nossos. Bernardo (1999, p. 8) nos diz:

> A ficção, a literatura, fazem mais do que ampliar as nossas perspectivas, ao mapearem a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos; a ficção e a literatura nos permitem viver o que de outro modo talvez não fosse possível, ou seja, nos permitem ser outros (os personagens) e adquirir, ainda que momentaneamente, a perspectiva destes outros — para, adiante, termos uma chance de cumprir o primado categórico de todas as éticas, de tão difícil realização: ser o que se é.

As crianças (tal como os adultos) precisam ter liberdade para pensar, ler e compreender o mundo, com uma mediação que auxilie na sua formação pessoal e social. É importante

[2] Notícia disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/09/06/marcelo-crivella-prefeito-do-rio-manda-recolher-livro-da-bienal-e-gera-protestos.ghtml Acesso em: 10 jul. 2025.

[3] O livro é indicado para adolescentes de 11 a 15 anos e aborda a educação sexual. Segundo a editora Companhia das Letras, "o conteúdo da obra nada tem de pornográfico" e que também inclui uma seção em que "alerta os adolescentes para situações de abuso, explica o que é pedofilia – mostrando como tal ato é crime –, o que é incesto e até fornece o contato do disque-denúncia […]". (Veiga, 2021). Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/livro-popularizado-pela-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-faz-20-anos/. Acesso em: 10 jul. 2025.

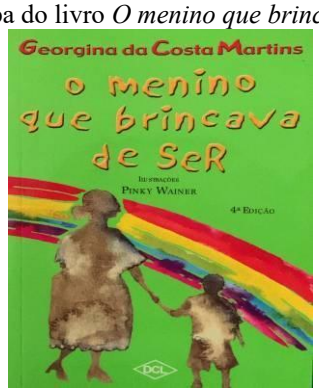
destacar a importância dessas discussões nas escolas, família e sociedade, no intuito de conhecer e respeitar as diferenças. Dialogamos assim com a reflexão apresentada por Carrasco (2010, p. 38): "[...] é preciso conversar sobre o assunto para entender que alguém pode ser diferente sem ser errado. E que amar é respeitar o jeito de ser de cada um!". E é na perspectiva do diálogo com escuta e respeito às diversidades que acreditamos que tal temática pode ser abordada.

## Representações de gênero na literatura infantojuvenil

A literatura é um espaço fundamental para o debate sobre as representações acerca da de gênero a fim de promover o respeito à diversidade e a autoaceitação. As obras podem acolher a juventude estigmatizada e educar os públicos leitores para a empatia. Colocar diferentes representações em discussão requer incentivar o respeito e a humanização nas relações sociais. Bourdieu (2010, p. 142) entende que as representações são historicamente construídas e que sustentam visões de mundo e estão colocadas na luta de poder de "conservar ou transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias e percepções deste mundo". Nesta acepção, a representação sobre a gênero na literatura pode influenciar visões de mundo e práticas mais inclusivas.

## Dudu e a liberdade de ser

**Figura 1** – Capa do livro *O menino que brincava de ser*




**Fonte:** Martins, Wainer (2000)

O livro *O menino que brincava de ser* narra a história de Dudu, que tem seis anos de idade e gosta de brincar *de ser* vários personagens de contos de fadas. O garoto se fantasia de príncipe, fada e principalmente bruxa. Como qualquer outra criança, Dudu ama brincar. Na

escola, ao se vestir de personagens femininos, gerava estranheza entre os amigos, mas estes se acostumaram com a ideia. Importante destacar que a professora de Dudu o acolhia dizendo "Não faz mal, é da idade, com o tempo isso passa. Deixe-o ser o que quiser" (Martins, 2000, p. 6), o que demonstra uma compreensão e respeito pelos modos de Dudu brincar.

**Figura 2** – Dudu brincando de ser



**Fonte:** Martins, Wainer (2000, p. 21)

Um dia, Dudu disse que queria ser uma menina de "verdade". Foi quando sua mãe considerou o desejo de Dudu como uma doença, tratando-o como uma "anormalidade". Vale ressaltar que a autora não caracteriza Dudu como um menino efeminado, apenas ressalta a sua sensibilidade e o desejo de liberdade para brincar. A personagem materna é a primeira a levar o menino ao psicólogo e em seguida ao psiquiatra no intuito de ter a "anormalidade" do filho "diagnosticada" e curada com algum tratamento.

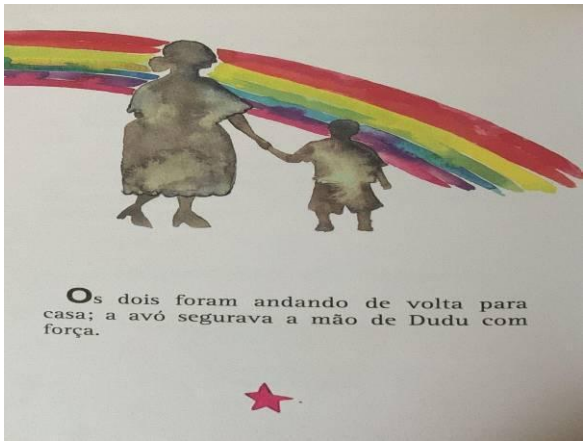
Indagado pelo psicólogo, Dudu disse que o que mais gostava de fazer era "brincar de ser". Então o doutor quis saber mais sobre os personagens que o menino gostava de ser: "Gosto de um monte. Quando vejo o desenho do Robin Hood, eu brinco de ser ele; quando eu vejo a Bela adormecida, eu brinco de ser a bruxa, eu gosto muito de ser bruxa..." (Martins, 2000, p. 10). Ao final da consulta, o psicólogo disse que não tinha nada de errado com Dudu e que ele era uma criança muito inteligente e sensível, diagnóstico também emitido pelo psiquiatra.

O fato de a sociedade construir uma representação de masculinidade faz com que a infância de muitas crianças se torne problemática pela emolduração de uma crise identitária sobre o modo de ser e de relacionar com o outro. A pressão social sobre o estereótipo de gênero se materializa pelo desrespeito à diversidade e pela tentativa de impor modos de ser de homens e mulheres (Facco, 2009). Assim como na realidade, a literatura traz personagens fictícios que se assemelham com personagens da vida real em que, por vezes, há uma discriminação pelo diferente nos ambientes familiares e escolares.

No contexto do livro, a figura paterna utiliza a violência verbal e física com Dudu. Assim, o ambiente familiar em que o personagem poderia se sentir seguro não lhe possibilita este sentimento, pois a convivência com seu pai lhe traz medo e angústia. Dudu encontra segurança na presença de sua avó materna. Em um dos seus diálogos, a autora demonstra o conforto do personagem nesta interação (Martins, 2000, p. 46):

> — Vó, eu queria muito ser menina.
> — É, meu filho? Por quê?
> — Menina pode passar batom, pode colocar enfeites no cabelo…
> — É, realmente, eu não vejo homens de batom pelo meio da rua. Mas você sabe de uma coisa? Antigamente, homem não usava brincos; hoje em dia, já usa. Quem sabe, um dia, também não vai usar batom?
> — Será, vó? Aí acho que eu nem ia precisar ser menina.

**Figura 3 –** Dudu e sua avó em diálogo a caminho de casa




**Fonte:** Martins, Wainer (2000, p. 78)

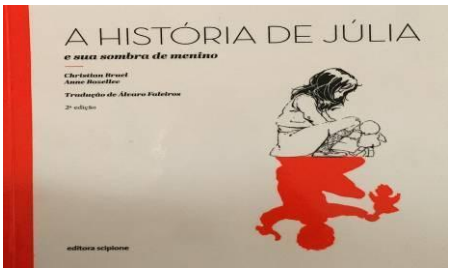
Mesmo sendo uma criança, o protagonista conversa com sua avó sobre seus desejos, são diálogos que trazem à leitora e ao leitor, momentos de questionamento sobre como respeitar o outro por ser diferente.

Ainda nesses diálogos, Dudu considera a possibilidade de querer ser uma menina, mas ele gostaria que o seu pai lhe amasse e respeitasse do jeito que ele é para não mais apanhar. Acreditava que não sofreria violência física por parte do pai que dizia que em mulheres não se bate. Ao estabelecer uma relação com as análises de Michel Foucault (1999) sobre as transformações históricas das formas de punições dos regimes de poder é possível refletir sobre a situação vivenciada por Dudu. A violência sofrida por ele insere-se nas relações de poder que operam punindo àqueles que fogem normas e regras, por sua vez responsáveis por sustentar os regimes de poder. neste contexto, a família atua como instituição que exerce o papel fiscalizador, contribuindo para a aplicação e manutenção das normas, ou seja, consequentemente da hegemonia dos regimes de poder ao disciplinar e corrigir comportamentos ditos desviantes.

Assim, se ele pudesse passar por baixo do arco-íris, se transformar numa menina, ele passaria, para poder brincar de ser, não precisar jogar futebol e quem sabe até ganhar a boneca que ele gostou. A questão que a autora traz em sua narrativa não é sobre uma criança que não gosta do seu corpo masculino, mas que deseja ser livre no seu ato de brincar; poder ser outros personagens do mundo fictício, poder fabular e fugir um pouquinho da sua realidade como todas as pessoas precisam.

## Eu sou uma menina, por que a minha sombra é de um menino?

**Figura 4 –** Capa do livro *A história de Júlia e sua sombra de menino*




**Fonte:** Bruel; Bozellec (2020)

*A história de Júlia e sua sombra de menino*, escrita por Christian Bruel e ilustrada por Anne Bozellec, é uma produção francesa publicada em 1976 que narra a tensão entre uma menina que não gosta de pentear os cabelos, se veste com roupas rasgadas (o que considerado fora dos padrões femininos) e, ainda, tensiona as expectativas de sua família acerca dos papéis de gênero. Todo o tempo Júlia escuta de seus pais que ela parece um menino. Isso gera um conflito identitário que passa a ver a sua sombra com forma de menino.

Ela é sempre advertida por seus pais por causa das suas travessuras e por nunca estar arrumada do jeito que eles gostariam. É perceptível que Júlia vive como uma criança comum, que brinca e que não tem apreço pela aparência, ou seja, não tem necessidade de obedecer a convenções sociais. Apesar disso, sua mãe, ao observar seu modo, a todo o momento, tenta inculcar comportamentos considerados aceitáveis para que uma menina desempenhe. A obriga a se vestir com roupas limpas e "adequadas" a determinadas ocasiões e servir à mesa para que seu pai tenha uma boa refeição após um dia de trabalho.

**Figura 5 –** Júlia e seus cabelos bagunçados

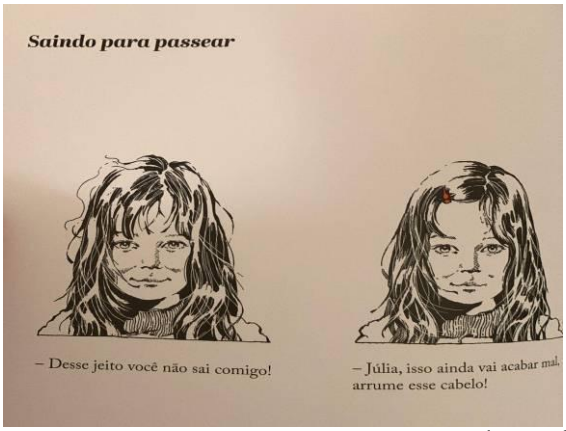



**Figura 6–**Júlia sendo repreendida pelos pais




**Fonte:** Bruel; Bozellec (2020, p. 14; 18)

Ao solicitar que o pai se posicionasse quanto ao comportamento da filha, este indica que a culpa é da família materna, sugerindo que se trataria de um problema geneticamente transmitido. Em Júlia, a família materna é considerada culpada pelo comportamento da menina, uma vez que a tia também possuía as mesmas características quando criança.

> — Você é meio moleque, isso sim!
> — É, neste ponto ela é igualzinha à tia dela!
> — Por favor, não meta a minha irmã nessa história (Bruel, 2020, p. 19).

É importante destacar que o livro é produzido no contexto da intensificação da luta do movimento pelos direitos dos homossexuais na França, especialmente em 1975, quando é concedido o direito de transição de gênero, liberando acesso a bloqueadores e reposição hormonal. A cirurgia de redesignação sexual passou a ser considerada para os adultos. Essas conquistas geraram uma tensão entre os discursos médico e social explorados por Michel Foucault em seus cursos proferidos entre 1974 e 1975 e publicados com o título *Os anormais*. Foucault (2001) demonstra como a psiquiatria se constituiu como discurso médico que normatiza a ideia de criminalidade, incluindo o que seriam as anormalidades sobre a sexualidade. Neste sentido, obtém-se a justificativa científica que instituiu os chamados desvios sexuais como crimes e a homossexualidade foi inscrita nos códigos penais de diversos países, inclusive na França até 1982. A partir das lutas sociais e do debate acadêmico, Christian Bruel e Anne Bozellec, de modo muito cuidadoso, utilizam o contexto histórico de produção da obra para problematizar os estereótipos de gênero. Os autores incluíram no debate, à época, a perspectiva da criança sobre os danos emocionais da imposição de comportamentos considerados socialmente adequados para uma menina.

Júlia passa a conviver com uma sombra "estranha, cheia de artimanhas, nunca se acanha" (Bruel, 2020, p. 23) e inicia um diálogo com ela, que não responde, reafirmando que

ela é uma menina. Tenta despistá-la. Neste ínterim, já não sabe mais quem é, "pois, deve sempre agir como outra pessoa para ser amada" (Bruel, 2020, p. 30). O conflito de Júlia, no entanto, emana de sua própria família que representa o discurso social. Não diz respeito à aceitação de sua identidade de gênero, mas ao rompimento dos papéis sociais que sua família espera que ela cumpra.

Quando Júlia percebe que sua sombra é de um menino e que não consegue se livrar dela, foge para o parque. Acha esconderijo em um buraco, Júlia é encontrada por um garoto que chora porque as pessoas dizem que ele tem comportamentos parecidos com uma menina. Atrelados às mesmas situações, Christian Bruel consegue transformar o encontro entre os dois personagens em um diálogo sensível e empático:

> — Você sabe, todo mundo diz que sou mesmo meio moleque. As pessoas dizem que as meninas devem agir como meninas, e os meninos devem agir como meninos. A gente não pode fazer nada diferente do esperado.
> — Olha, é como se cada um de nós estivesse preso num vidro.
> — Como palmitos em conserva?
> — Sim, como palmitos em conserva. Num vidro, os *palmigarotos*, em outro, as *palmimenina*s… e ninguém sabe onde colocar as *garomeninas*. Eu penso que, se quisermos, podemos ser os dois ao mesmo tempo, Não ligo para os rótulos. É um direito nosso! (Bruel, 2020, p. 46).

**Figura 7 –** Júlia dentro de um buraco



**Figura 8:** Júlia em diálogo com o menino choroso

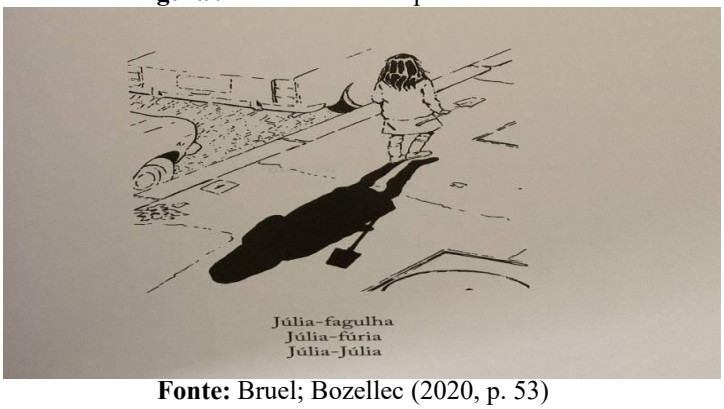


**Fonte:** Bruel; Bozellec (2020, p. 38; 47)

Esse diálogo traz uma reflexão profunda sobre os sentimentos de duas crianças que são reprimidas por não cumprir com estereótipos de gênero reivindicando o respeito ao seu modo de ser. Assim, na manhã do dia seguinte, Júlia se despede do garoto e volta para casa sabendo que haverá confusão, mas o que ela compreendeu na noite foi o mais importante de tudo. Júlia repete o final do diálogo com o menino "É um direito nosso. É um direito nosso" (Bruel; Bozellec, 2020, p. 52). A frase dita por Júlia e a imagem do seu caminhar podem ser uma alusão de Bruel e Bozellec às manifestações do movimento dos homossexuais na França na luta pela conquista de direitos, como dito anteriormente. Assim como as palavras de ordem presentes em

uma passeata, Júlia as repete reivindicando o direito de ser quem é, com a ilustração de sua sombra remetendo a uma placa que pode ser usada em manifestações.

**Figura 9 –** Júlia voltando para a sua casa




**Fonte:** Bruel; Bozellec (2020, p. 53)

Na última ilustração do livro, a sombra do menino que Júlia carregava desaparece, agora sua sombra se assemelha a de uma menina, ela se reconhece e se torna simplesmente Júlia-Júlia.

## Ele é uma sereia!

**Figura 10 –** Capa do livro *Julián é uma sereia*




**Fonte:** Love (2021)

Em *Julián é uma sereia* – lançado em 2018, na Inglaterra e em 2021, no Brasil –, Jessica Love dá vida a Julián, um garotinho negro que vive com sua avó e a acompanha todas as vezes que ela tem aula de hidroginástica. Julián é representado como um menino comum, mas a primeira ilustração do livro apresenta o seu reflexo no espelho. Nele, Julián aparece de cabelos longos e traços delicados indicando tratar-se de uma figura feminina. Vale destacar que Jessica Love, para a escrita da obra, inspirou-se na história de vida de um amigo que conseguiu realizar sua transição de gênero apenas na vida adulta. Love utiliza os elementos dessa história para

problematizar como o apoio familiar seria fundamental para dialogar sobre gênero e seus estereótipos com as crianças. É uma obra marcada por ilustrações e poucos diálogos entre os personagens. A narrativa possui características ligadas ao Romantismo e que delineiam o desejo de Julián de viver em um mundo diverso e de respeito.

**Figura 11 –** Julián no espelho



**Fonte**: Love (2021, p. 1)

Um dos primeiros aspectos a se destacar é a de que a história está centrada no mundo individual do personagem. Isso está representado quando certo dia, no caminho para o clube, Julián se depara com mulheres fantasiadas de sereias; ele adora sereias. Durante o percurso de volta para casa, Julián, folheando um livro, começa a se imaginar uma sereia e neste mundo de fantasia começa a nadar e interagir com diversos animais marinhos marcados por diferentes formas e cores, mas que vão na mesma direção. A exaltação da natureza é um elemento que nos remete à narrativa literária romântica do século XIX que apresentava a natureza associada ao belo, harmonioso e indispensável à vida humana, em oposição aos processos de urbanização, industrialização e racionalidade científica do seu tempo, como no caso europeu. O recurso à natureza representa, como indica Wolf (2008, p. 12), "um espelho de processos mentais e emocionais interiores", ou seja, simboliza as expectativas de Julián de aceitação do seu modo de ser pela família.

**Figuras 12 e 13 –** Imaginação de Julián e o mar



**Fonte**: Love (2021, p. 10; 12)

A ilustração nos remete aos hábitos dos peixes que vivem em cardume para que possam elaborar táticas de sobrevivência. Na cena final da fantasia de Julián, aparece um peixe com dimensões grandes e que é colorido com uma estampa igual ao vestido da sua avó, que poderá ser visto na continuidade da história. O peixe entrega a Julián um colar. A cena expressa as expectativas de Julián em relação à família. Como metáfora da família, o cardume oferece a proteção que o menino espera para se sentir acolhido em relação à sua diferença.

Ao chegar em casa, Julián aproveita o momento em que sua avó foi tomar banho e tem uma grande ideia: Julián se transforma. As folhas da samambaia de Vozita tornam-se cabelos, o batom colore sua boca e a cortina branca de sua casa se torna sua cauda. Ao ver sua avó chegar à sala depois do banho, a expressão de Julián muda, pois tem medo da sua reação.

**Figura 14 –** Julián temeroso ao ver Vozita

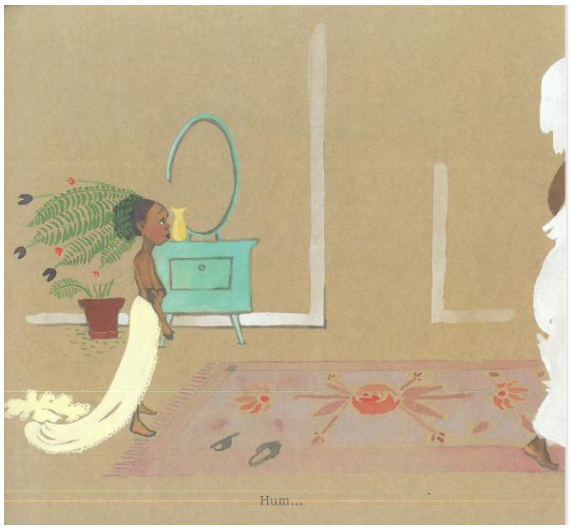
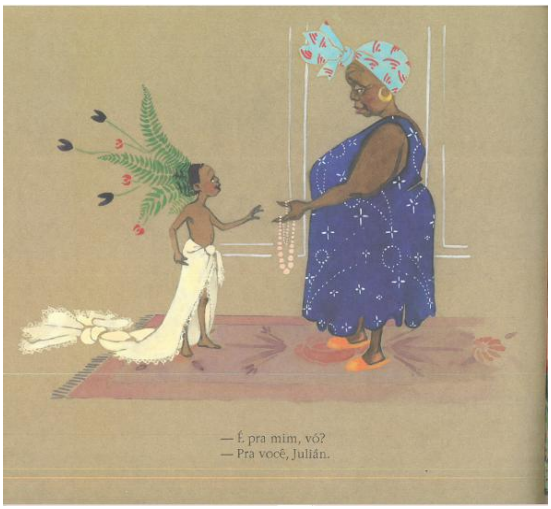


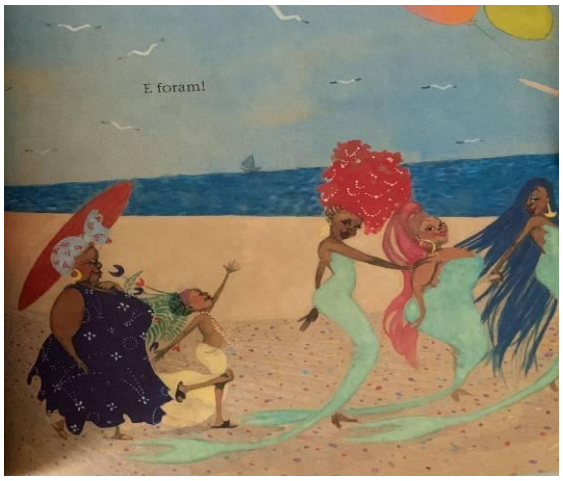

**Figura 15 –** Vozita entregando um colar a Julián




**Fonte:** Love (2021, p. 20; 23)

Inesperadamente, Vozita não fica brava, ela deixa Julián por um segundo na sala e vai buscar colares que se assemelham a pérolas para deixar a sua fantasia ainda mais bonita e alegre. Além dos colares, Vozita prepara uma surpresa para seu neto: o leva para um lugar mágico, o mesmo lugar para onde aquelas sereias do início da história estava indo; uma festa, em que todas as pessoas estavam fantasiadas com temática do fundo do mar.

**Figura 16 –** Julián e sua avó na festa




**Fonte:** Love (2021, p. 38)

A festa representa a diversidade de espécies que vivem no mar. Júlian se fantasia de sereia e a felicidade toma conta do momento. A avó aparece como refúgio emocional porque acolhe Juliàn. Isso recebe contornos relevantes ao se tratar de personagens negros, especialmente ao papel contemporâneo que as mulheres negras, em especial as avós, possuem na organização e manutenção das famílias, destacando também o seu papel educativo dos netos.

Para Sousa (2005, p. 43), interessada pela história das famílias e novas configurações do seu papel social na contemporaneidade, os avós representam uma:

> [...] janela privilegiada para o passado da família e da comunidade. Não se pode esquecer que os actuais avós viveram tempos intensos de mudança. Por exemplo: passaram por momentos da vida política que constituíram alterações radicais de estilos de vida e valores, [...] testemunharam progressos da ciência e, em especial, da medicina e tecnologia. Desta forma, os avós constituem-se como uma memória viva do passado, junto deles os netos podem aceder à história da história, um relato vivido e personificado dos factos e da experiência vivida.

A convivência com os avós pode constituir novos olhares destes sobre as experiências vividas, o que na relação com os netos auxiliam na construção do seu futuro de acordo com as características do mundo em que vivem. Na obra, a avó de Julián com suas atitudes, transgride as expectativas sociais de gênero, construindo um ambiente acolhedor e de conforto. Love (2021) traz uma história linda, mostrando o convívio de um menino com sua avó e o seu amor por figuras místicas. Na narrativa, a avó o ajuda a ser o que ele tanto ama. São em poucas frases, e com muitas imagens, que este livro conta uma história de respeito, diversidade e acolhimento.

# Considerações finais

As obras analisadas evidenciam as trajetórias de personagens crianças, ressaltando seus questionamentos aos modos pelos quais a sociedade constrói, regula e, muitas vezes, limita as possibilidades de modos de existir por meio dos estereótipos de gênero. Os autores e autoras convidam as pessoas leitoras a questionarem as estruturas sociais e suas bases morais. As narrativas, assim, não problematizam apenas o que é gênero, mas despertam para o exercício da empatia ao atribuir dignidade à existência dos personagens.

Dudu e Júlia confrontam às expectativas sociais em torno do que significa ser masculino e feminino e, por isso, enfrentam coerções que tentam enquadrar seu comportamento em papéis sociais determinados. No caso de Dudu, a família busca por meio do discurso médico confirmar o que entendia ser um desvio, uma doença, o não enquadramento do seu filho a tais estereótipos. Ele chega a sofrer violência física do pai, após a frustração do discurso médico atribuir naturalidade ao interesse da criança de se fantasiar de personagens femininos e masculinos para brincar. Júlia, considerada uma "menina-moleque", foge de casa, o que representa a força da rejeição familiar sobre seu modo de ser. Os personagens são submetidos às formas de coerção e controle dos pais. As situações enfrentadas por ambos revelam o potencial dos estereótipos em produzir exclusões, reforçar estigmas, que sustentam as desigualdades de gênero, na medida em que hierarquizam os sujeitos e limitam as suas possibilidades de existência.

Julián, por sua vez, encontra refúgio no acolhimento da avó que não confronta a sua vontade de se vestir de sereia. Dudu recebe da avó a escuta necessária que o conforta na sua vontade de brincar de ser. As personagens avós representam a ruptura com tais lógicas repressivas, indicando um caminho de escuta e respeito como um caminho possível em contraposição às tentativas de enquadrar a diversidade humana em modelos rígidos. Os estereótipos de gênero cumprem a função de dispositivos de poder, uma vez que buscam definir o que pode ser feito, dito ou vivido, ou seja, regulam corpos e subjetividades, produzindo e reforçando estigmas que recaem sobre aqueles que enfrentam e fogem às normas sociais.

As obras apresentam as representações de gênero de forma crítica e apontam sua relação tanto com os estereótipos de gênero quanto às possibilidades de sua ruptura. Em *O menino que brincava de ser*, o gênero aparece tensionado entre a liberdade do menino que gostava de brincar de personagens masculinos e femininos e a imposição social. Sua forma de brincar questiona diretamente os estereótipos de gênero que requerem dos meninos uma postura viril, ligada à ideia de masculinidade. Em *Júlia e sua sombra de menino* o gênero é representado como uma construção social com destaque aos papéis femininos. A personagem simboliza uma

ruptura com o modelo tradicional de feminilidade – não se preocupa com a aparência, não tem atitudes consideradas "delicadas" e questiona a ideia de submissão da mulher ao homem. O livro questiona a construção social de gênero considerando-a arbitrária, problematizando a rigidez das classificações dos papéis sociais atribuídos a meninos e meninas.

Por sua vez, em *Julián é uma sereia* o gênero é tratado como expressão da liberdade e do diálogo. O menino transita por elementos femininos sem que isso seja considerado problema ou doença. Diferentemente das outras obras, é perceptível uma ruptura em relação aos estereótipos de gênero e sua lógica normativa, especialmente pela atitude de sua avó que o acolhe e legitima como o neto quer se expressar. O gênero é representado como algo fluído, atravessado pela subjetividade da criança, estimulado pelo diálogo e afeto.

De modo geral, as obras apresentam o gênero como algo não natural, mas historicamente e socialmente construídos e influenciados por estereótipos que requerem comportamentos esperados por meninos e meninas. Também apresenta que há possibilidades de questionamentos, reflexão crítica e rupturas de tais estereótipos, quando se há espaços de diálogo e acolhimento.

Por fim, reafirma-se o papel da escola em assumir os debates em torno de estereótipos de gênero, por meio da literatura e seus temas fraturantes, com o objetivo de transformar olhares para o reconhecimento do outro. Assim, a literatura assume um lugar de não apenas refletir sobre o mundo, mas de imaginá-lo mais diverso e justo.

## Referências

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BARROS, Lúcia Maria; AZEVEDO, Fernando. Literatura infantil e temas difíceis: Mediação e recepção. **Em Aberto.** Brasília. v. 32, n. 105, p. 77-92, maio/ago., 2019. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4210/3662. Acesso em: 17 jun. 2025.

BERNARDO, Gustavo. **O conceito de literatura**. 1999. Disponível em: https://felipebmansur.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/03/o-conceito-de-literatura-gustavo-bernardo.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 13 ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRUEL, Christian. **A história de Júlia e sua sombra de menino**. Ilustrações: Anne Bozellec. Tradução de Álvaro Faleiros. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2020.

CARRASCO, Walcyr. **Meus Dois Pais**. Ilustrações de Laurent Cardon. São Paulo: Ática, 2010.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo. v. 5, n. 11, p. 173-190. jan./abr. 1991. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152. Acesso: 24 jun. 2025.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: SUMMUS, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Cursos no Collège de France (1974 -1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. Cursos no Collège de France 1979-1980. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Tradução de Mathias Lambert. Lisboa: LTC, 2004.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 72-95.

JORGE, Marcos do Amaral. Polêmicas envolvendo literatura infantojuvenil, que incluem cancelamentos e banimento de livros em escolas, já preocupam editoras. **Jornal da Unesp**, São Paulo, 23 maio 2024. Disponível em: https://jornal.unesp.br/2024/05/23/polemicas-envolvendo-literatura-infantojuvenil-que-incluem-cancelamentos-e-banimento-de-livros-em-escolas-ja-preocupam-editoras/. Acesso em: 13 mar. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOVE, Jessica. **Julián é uma sereia**. Tradução de Bruna Beber. São Paulo: Boitatá, 2021.

MARCELO Crivella, prefeito do Rio, manda recolher livro da Bienal e gera protestos. **Jornal Nacional (G1).** 06 set. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/09/06/marcelo-crivella-prefeito-do-rio-manda-recolher-livro-da-bienal-e-gera-protestos.ghtml. Acesso em: 10 jul. 2025.

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser**. Ilustrações: Pinky Wainer. São Paulo: DCL, 2000.

RAMOS, Ana Margarida. Saindo do armário: literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade. **Forma Breve**, Aveiro, n. 7, p. 293-312, 2009. Disponível em: https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/pt/article/view/6649/4870. Acesso em: 5 maio 2026.

SILVA, Ester Carolina Martins da; COSTA, Mariana Esteves; RIBEIRO, Luiz Paulo. Gênero e Educação: uma revisão sistematizada da literatura entre 2000 e 2018. **Revista Diversidade e Educação**, v. 10, n. 2, p. 429-457, 2022. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/14134. Acesso em: 4 maio 2026.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; KAERCHER, Gládis E. da Silva. Dois Papais, Duas Mamães: novas famílias na literatura infantil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre. v. 38, n. 4, p. 1191-1206, out./dez. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/48FpzxM5wBtHj5Cq8k3NpnP/ Acesso em: 1 maio 2025.

SOUSA, Liliana. Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afectos. **Revista Povos e Culturas**. Lisboa, n. 10, p. 39-50, jan. 2005. Disponível em: https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/issue/view/553 . Acesso em: 13 jul. 2025.

VEIGA, Edison. Livro popularizado pela fake news de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos. **Brasil de Fato**. 28 de junho de 2021. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/livro-popularizado-pela-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-faz-20-anos/. Acesso em: 10 jul. 2025.

WOLF, Nobert. **Romantismo**. Rio de Janeiro: Taschen/Paisagem, 2008.

## SOBRE OS/AS AUTORES/AS

**Flávio Santos Costa.** Mestrando em Educação de Jovens e Adultos pela UNEB/PPGEJA, integra o Programa de Educação Tutorial: Pet Afirmação (CFP/UFRB) e o Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA. http://lattes.cnpq.br/7356127297476686

**Erica Bastos da Silva**. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2016). Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- (UFRB) Centro de Formação de Professores (CFP). Grupo LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes). http://lattes.cnpq.br/6298886920493727

**Fernando Henrique Tisque dos Santos**. Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor adjunto no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em Amargosa- BA. Membro do grupo de pesquisa e extensão LEIA (Literatura, Escrita, Identidade e Artes) do Centro de Formação de Professores da UFRB. http://lattes.cnpq.br/6715037246476334

**Como citar**
COSTA, Flávio Santos da. SILVA, Erica Bastos da. SANTOS, Fernando Henrique Tisque. Entre sombras e fantasias: as representações de gênero nos livros infantojuvenis. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade,** Itapetinga, v. 7, n. 14, p. 1-21, jan./dez., 2026.